

Dólar assusta consumidor

Quase 95% dos cariocas desistiram de comprar e resolveram poupar, segundo Ifec

Editoria de Arte

Flávia Oliveira e Ledice Araujo

O carioca não ficou alheio à explosão do dólar nas últimas semanas. Diante da valorização exagerada da moeda americana — subiu 23%, apenas em julho — os consumidores decidiram suspender as compras e economizar. O medo tornou-se a palavra de ordem da reação à turbulência, segundo pesquisa da Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio), feita a pedido do GLOBO. Quase 95% dos entrevistados disseram que o momento é propício à cautela e à poupança: 56,5% pretendem esperar antes de comprar e 38,41% vão guardar dinheiro. Apenas quatro em cada cem consideram a ocasião favorável ao consumo.

A postura defensiva do carioca confirma a tendência de estagnação da economia já diagnosticada nos indicadores de desempenho tanto da indústria quanto do comércio. Ratifica também a preferência pela poupança como opção de investimento. Dos que têm planos de economizar, 63% preferem as cadernetas. Os fundos de renda fixa são citados por 8% dos entrevistados e imóveis, por 7%. Apenas seis em cada cem recomendam o dólar como melhor alternativa.

Nas estatísticas do mercado financeiro, a poupança também vem despontando. Desde maio, quando o Banco Central determinou que a rentabilidade dos fundos de renda fixa seja calculada com base no valor de mercado dos títulos que os compõem, essa indústria perdeu R\$ 43,7 bilhões. A maior parte dos recursos migrou para as cadernetas, que em junho bateram recorde histórico de captação: R\$ 6 bilhões.

No mais recente levantamento do Instituto Fecomércio (Ifec-RJ) sobre a percepção dos consumidores à onda de instabilidade, salta aos olhos a preocupação do cidadão comum com os efeitos da taxa de câmbio em sua rotina.

— O consumidor tem noção de que a alta do dólar tende a pressionar a inflação. Essa sensação não existia tão fortemente antes — diz o economista Luiz Roberto Cunha, diretor-executivo do Ifec-RJ e professor da PUC-Rio.

O Ifec ouviu quase mil cariocas na última quinta-feira. Mais de 80% disseram que a alta do dólar teria impacto em suas vidas. E a preocupação ime-

diata é com a inflação. Dentre os que enxergam algum efeito da valorização da moeda americana em seu dia-a-dia, 66,5% temem a alta do custo de vida. É prova de que os consumidores, tal como os economistas e analistas de mercado, estão cientes dos estragos do câmbio nos índices de preços.

Resultado das eleições também preocupa

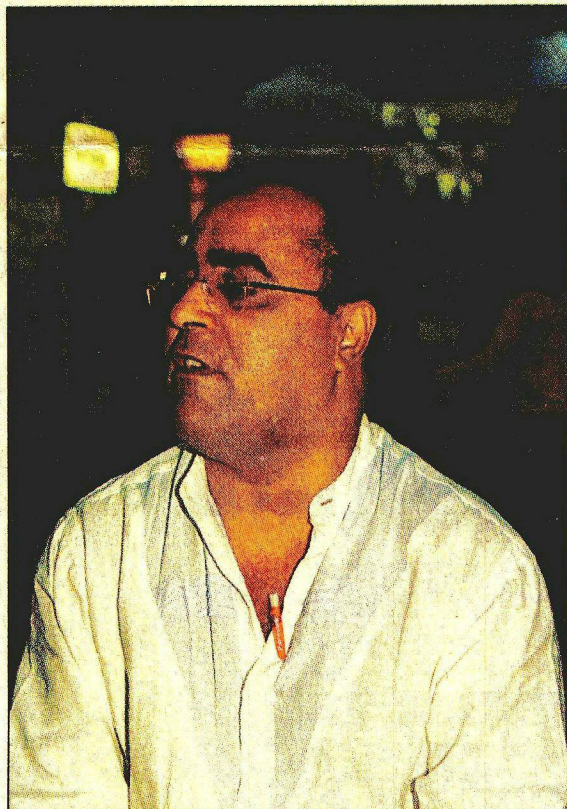
• Na semana passada, esse risco tornou-se evidente quando a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou o resultado de julho do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M). Ainda que a variação cambial afete mais intensamente os preços no atacado, há sempre uma parcela de contaminação nos índices ao consumidor. Além da alta do dólar pressionar o preço dos combustíveis, o IGP-M corrige tarifas de energia e telecomunicações. É o grupo dos chamados preços administrados, os vilões da inflação nos anos pós-Real.

A pesquisa tem outro indício de preocupação com a alta dos preços. Dos poucos consumidores que falam em comprar, a maior parte sugere aquisição de produtos essenciais — leia-se alimento e itens de higiene e limpeza. Outros 17,78% pensam em comprar imóveis e 11,11% sonham com um carro novo.

— Alimentos e eletrodomésticos devem ficar bem mais caros até o Natal. Mesmo que o dólar caia, as empresas não vão baixar os preços. Como já estou endividada, não vou arriscar mais compras a crédito — diz a copeira Miriam Costa.

Outro foco de tensão são as eleições. Boa

André Teixeira



MARCO BARROS não vai se endividar até as eleições

parte dos entrevistados que desistiram das compras quer esperar o resultado das eleições, embora a maioria acredite que a crise é temporária. O comerciante Marco Antônio Barros, por exemplo, desistiu de trocar de carro e está decidido a não se endividar até outubro, ainda que o dólar caia:

— Não sei como ficará a situação com o novo presidente. Se tivesse dólares, compraria. ■

Colaborou Patrícia Eloy

• BAIXA RENDA:
ITENS ESSENCIAIS
PARA EVITAR
INFLAÇÃO
na página 30

Os cariocas e a alta da moeda

COMO FOI A PESQUISA

O Instituto Fecomércio (Ifec-RJ) entrevistou 984 consumidores durante a manhã e a tarde da última quinta-feira. Os questionários foram aplicados nas ruas do Centro da cidade. Entre os entrevistados, 38,62% têm renda familiar de até oito salários-mínimos por mês; 59,04% ganham mais de R\$ 1.600; 1,83% disse não saber qual é a renda de sua família e 0,51% não responderam.

Você acha que a alta do dólar vai afetar a sua vida?

SIM 83,84% **NÃO** 14,84%

Em que aspecto?

Alta do custo de vida	66,55%
Prejuízos à economia	19,39%
Cancelamento de viagens	2,67%
Desemprego	1,7%



O atual momento é adequado para:



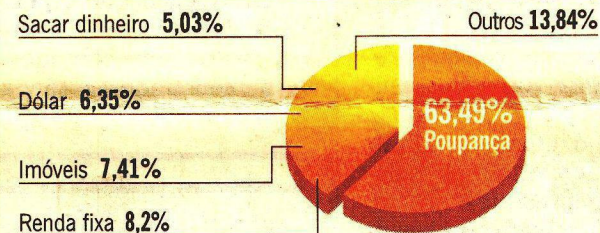
Se optou por esperar, qual o motivo?

A crise é temporária	48,2%
Esperar a crise passar	18,35%
Esperar as eleições	14,93%
Por cautela	4,68%



Se acha o momento adequado para poupar, que tipo de aplicação escolheria?

Se acha o momento adequado para poupar, que tipo de aplicação escolheria?



Considera o momento atual adequado para se endividar?

SIM 2,34%

NÃO 94,31%



Se acha o momento adequado a gastar, que compras faria?

Produtos essenciais	20%	Comprar a prazo	8,89%	Roupas	6,67%
Imóvel	17,78%	Pagar contas	6,67%	Negócio próprio	2,22%
Carro	11,11%	Lazer	6,67%	Bens pessoais	2,22%

FONTE: Instituto Fecomércio-RJ